

O Mercosul e a economia japonesa メルコスルと日本経済

Hajime MIZUNO
水野 一

日本とラテンアメリカとの経済関係は「失われた10年」といわれる1980年代に停滞を余儀なくされたが、1990年代に入り再び活発化の様相をみせている。それは何といてもラテンアメリカ諸国が構造調整政策の実施によって、経済安定と成長を取り戻したからだが、それとともに1995年に関税同盟として発足した南米南部共同市場（メルコスル）の著しい進展がもたらした効果も少なくないように思われる。

本論文では、まず1990年代に入り、新たな日本・ラテンアメリカ関係（特に日伯関係）をもたらす背景となっているグローバリゼーションと地域統合の意味を考えたあと、次に日本企業がメルコスルをどうみているのか、その期待と懸念を明らかにするとともに、最大の投資先であるブラジルをケースとして取り上げ、日本の対伯投資を中心に戦後の日伯関係を回顧し、今後の展望を行う。

1. Introdução

Em 1995 comemorou-se o centenário do Tratado de Amizade entre o Japão e o Brasil. Em alusão à data, o Presidente Fernando Henrique Cardoso visitou oficialmente o Japão, em março de 1996, e o Primeiro Ministro Ryutaro Hashimoto retribuiu a visita em agosto do mesmo ano. Ademais, em junho de 1997, nossa Casa Imperial visitou oficialmente o Brasil. E o ano de 1998 é festivo para os imigrantes japoneses no Brasil, que estão comemorando os 90 anos da chegada do Kasato-Maru ao Porto de Santos.

Diante desses eventos, tudo indica que o relacionamento entre o Brasil e o Japão está vivendo uma nova etapa, pois é bem verdade que as nossas relações bilaterais sofreram uma estagnação durante a “década perdida” de 1980. Ao entrar nos anos 90, no entanto, e principalmente depois de o Brasil

ter recuperado sua estabilidade econômica através do Plano Real, vêm se notando os sinais de revitalização do nosso relacionamento. Outro fator favorável é o efeito do Mercosul, que vem demonstrando um avanço notável nos últimos anos.

De fato, nos círculos econômico e industrial do Japão, o interesse pelo Mercosul tem aumentado. Segundo a pesquisa realizada em outubro de 1997 pelo Grupo de Estudo sobre a Integração Latino - Americana da Keidanren - Federação das Organizações Econômicas do Japão, é crescente o número de empresas que consideram o Mercosul como uma nova chance de negócios, uma vez que o progresso do Mercosul até aqui tem sido constante.

A partir da consolidação da União Européia, em 1992, foi muito grande o impacto sobre os negócios das empresas japonesas. Espera-se que essas companhias realizem atividades mais dinâmicas na região do Mercosul, tais como investimentos nas indústrias específicas, fortalecimento de suas vendas, aliança com as empresas locais e multinacionais, e participação nos projetos de infra-estrutura, entre outros.

Na palestra de hoje, em primeiro lugar, gostaria de enfocar dois fenômenos que afetam nosso novo relacionamento, a saber, a globalização e a integração regional. Segundo, quero mostrar de que maneira as empresas japonesas estão olhando para o Mercosul, especialmente quais as suas expectativas, assim como preocupações. E, finalmente, gostaria de fazer uma breve retrospectiva sobre as relações nipo-brasileiras no pós-guerra, com base nos investimentos japoneses no Brasil, e então, falar sobre as perspectivas do futuro.

2 . As Relações Nipo-Brasileiras no Processo da Globalização e Integração Regional

O sistema da economia internacional no pós-guerra fria se caracteriza por dois fenômenos importantes: um é a globalização e outro é a integração regional. Com respeito à globalização, podemos ressaltar os quatro pontos seguintes: Primeiro: após a queda do muro de Berlim e logo após o colapso da União Soviética, o sistema bi-polar da economia internacional

caracterizado por um bloco liberal e um bloco socialista, se transformou em um sistema unipolar, dominado pela economia de mercado.

Segundo: como resultado da evolução do mercado internacional de capitais, a economia de cada país se incorporou numa rede gigante de finanças. Daí que os negócios dos mercados de câmbio estrangeiro, de capitais e de bolsas de valores operam no mundo inteiro, durante 24 horas, sem cessar, de maneira que, grande quantidade de capital privado está percorrendo o mundo todo, em busca de juros lucrativos.

Terceiro: podemos notar o aumento do investimento direto estrangeiro (FDI). Além do FDI entre os países desenvolvidos, vem aumentando o FDI dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento. Atualmente, as indústrias manufatureiras estão recebendo investimentos maiores que os para produtos primários. O exemplo típico desse fenômeno é o surgimento do mercado emergente, ou seja, Newly Industrializing Economies - NIES.

Quarto: as atividades das empresas estão se tornando cada vez mais globais. Nas empresas dos países desenvolvidos, em particular nas multinacionais, é notável observar sua tendência em estabelecer pólos de administração pelo mundo todo, com vistas a uma ótima alocação de recursos administrativos, e assim vão formando uma rede das suas atividades.

Enquanto a globalização tem o efeito positivo de promover a ótima alocação dos recursos econômicos e administrativos de cada país, desta forma aumentando o bem-estar pelo mundo inteiro, ela também tem o efeito negativo de ignorar as características próprias de cada país, o que chamamos de Lei da Selva (Law of Jungle). Como exemplo desse efeito negativo, podemos mencionar a crise financeira do México, no final de 1994, e também a crise financeira do Sudeste Asiático, ocorrida em 1997.

Em todo caso, podemos dizer que o sistema de economia internacional já entrou numa nova era, em que coexistem não só o sistema global, mas também o sistema regional. Como sistema global, cabe mencionar que foi criado em janeiro de 1995 a WTO - Organização Mundial de Comércio (ou OMC), no final da Ronda do Uruguai do GATT.

Por outro lado, podemos notar as atividades de integração regional em

todo o mundo. À frente está a Europa Ocidental, onde a CEE se tornou a União Européia (UE) em novembro de 1993. A UE deverá entrar numa nova fase de integração monetária a partir de 1999. Entrando na década de 90, também no Continente Americano, vem se intensificando o movimento para a integração regional. Em junho de 1990, o Presidente dos Estados Unidos, George Bush, propôs um novo programa, chamado "Enterprise for the Americas Initiative - EAI", ou seja, "Iniciativas para as Américas", para promover a liberalização econômica da América Latina. Dentro dessa iniciativa, formou-se em janeiro de 1994, o NAFTA, envolvendo Estados Unidos, Canadá e México.

Incentivada por esta tendência, a América Latina também vem revitalizando as organizações de integração regional, tais como a ALADI - Associação Latino-Americana de Integração, o Mercado Comum Centro-Americano, e o Grupo Andino. Dentro desta perspectiva foi assinado, em 1991, o Tratado de Assunção, por quatro países do Cone Sul: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, para formar o Mercosul-Mercado Comum do Sul. Como se sabe, depois de negociações de desgravações aduaneiras e harmonização das políticas macroeconômicas, o Mercosul virou união aduaneira a partir de 1995.

Neste quadro, realizou-se em Miami, em dezembro de 1994, a Reunião de Cúpula das Américas, envolvendo 34 países do continente americano, em que se adotou a "Declaração de Miami", visando a conclusão das negociações para a criação, até o ano de 2005, da FTAA - Free Trade Area of the Americas, ou seja, ALCA - Área de Livre Comércio das Américas.

Por outro lado, na área Ásia-Pacífico já foi criada, em 1989, a APEC - Asia Pacific Economic Cooperation, ou seja, o Conselho de Cooperação Ásia-Pacífico, para promover a cooperação econômica entre os países membros. Mas esse caráter da APEC sofreu mudanças depois da reunião de Seattle em 1993. Desde então, a APEC passou a desempenhar um papel importante na promoção da liberalização na área Ásia-Pacífico. Como se deve saber, hoje os membros da APEC são 18 países diferentes: 6 países desenvolvidos (Estados Unidos, Canadá, Japão, Austrália e Nova Zelândia); 3 membros da NIES

(Coréia do Sul, Taiwan e Hong Kong), mais a China; 6 países da ASEAN (Singapura, Indonésia, Malásia, Tailândia, Filipinas e Brunei), além da Papua Nova Guiné e dois países latino-americanos, México e Chile. Na reunião de Bogor em dezembro de 1994, a APEC determinou a meta de finalizar a liberalização comercial até 2010 (ou 2020, no caso dos países em desenvolvimento) .

Comparando a integração regional da Ásia e da América Latina, podemos notar que as duas regiões são bem contrastantes. Enquanto na Ásia, o comércio e investimento regional vêm sendo promovidos principalmente por princípios de mercado, sem contar com a determinada instituição de integração regional, na América Latina, comércio e investimento vêm sendo promovidos por várias organizações regionais e subregionais. Resumindo, podemos comparar a “ integração dirigida pelo mercado ” na Ásia, com a “ integração dirigida por instituição ” na América Latina.

É de notar que na Ásia, especialmente no Leste Asiático, vem se formando um mecanismo de difusão do industrialismo entre os países. Este mecanismo, que se chama “ desenvolvimento do tipo ganchos ” pode explicar-se como se segue: em consequência do rápido crescimento econômico e industrial do Japão, as indústrias que perderam as vantagens comparadas no Japão, se transferiram para os NIES do leste da Ásia, através de investimentos diretos e de transferência de tecnologia. Assim foi promovida a industrialização nesses NIES, formando-se uma nova divisão de trabalho entre o Japão e os NIES asiáticos. Enquanto esses países exportam para o Japão os produtos de tais indústrias, o Japão lhes fornece bens de capitais e bens intermediários necessários.

Além disso, essa divisão dinâmica de trabalho passou a formar-se entre o Japão e os NIES asiáticos por um lado e os países da ASEAN por outro. E agora tal difusão de industrialismo está alcançando a China e o Vietnã e alcançará, no futuro, até Mianmar e Índia.

Ao contrário disso, no Continente Americano, especialmente na América Latina, se pode dizer que não ocorreu tal difusão de industrialismo. A industrialização dos países latino-americanos foi promovida pela substituição

de importações orientadas ao mercado nacional. E o investimento direto estrangeiro, na maioria americano, foi destinado à produção local de produtos industriais ou exploração de recursos naturais, de maneira que não ocorreu a divisão regional de trabalho, como na Ásia.

Entretanto, desde meados da década de 80, em particular a partir dos 90, também na América Latina, com a evolução do NAFTA e do Mercosul, está-se tornando ativo o investimento estrangeiro nas empresas latino-americanas. Assim, espera-se que na América Latina, na década de 90, se processem simultaneamente a consolidação da instituição de integração regional e a atividade internacional das empresas privadas dirigidas pela economia de mercado.

3 . A Evolução do Mercosul e as Empresas Japonesas - Expectativas e Preocupações

O Mercosul é agora a terceira maior unidade de integração, seguida do NAFTA e da União Européia, contando com uma população de 200 milhões e PIB de 1 trilhão de dólares. Com a expansão do mercado, e maior concorrência dentro da região, não só o comércio regional, mas também o investimento direto estrangeiro registrou um notável crescimento. Em 1996, o Mercosul assinou o Acordo de Livre Comércio com o Chile e a Bolívia, passando assim a representar mais ou menos 70% da população da América do Sul. Por outro lado, o Mercosul assinou também o acordo de cooperação com a UE. Ainda outros países sul-americanos tais como Venezuela e Peru mostram grande interesse pela associação com o Mercosul.

Com tal evolução do Mercosul, o governo japonês realizou a primeira reunião de consulta de alto nível Japão-Mercosul em São Paulo, em outubro de 1996. Uma segunda reunião se efetuou em Tóquio em outubro de 1997. Naquela ocasião, para troca de opiniões, teve lugar a reunião conjunta governo-setor privado Japão - Mercosul, sob co-patrocínio do Ministério de Relações Exteriores e Keidanren- Federação das Organizações Econômicas do Japão.

Com a criação do Grupo de Estudo sobre Integração Latino-Americana, a Keidanren já tem mostrado um grande interesse pelo Mercosul e fez pesquisas por enquete sobre o Mercosul em outubro de 97. Vamos apresentar resumidamente o resultado dessa pesquisa:

(1) Para as empresas japonesas há efeito positivo direto e indireto do Mercosul. O efeito direto é a maior chance de negócios causada pela formação de um mercado comum gigante. Por exemplo, as empresas instaladas no Mercosul podem gozar do lucro da economia de escala, assim como da diversificação das alternativas de fornecedor local e colaborador. Ademais, podem contar com a dinamização das atividades econômicas em geral, e também com o grande projeto da infra-estrutura. O efeito indireto seria a consolidação da democracia e o avanço da reforma econômica dos países membros, promovida pela integração regional, contribuindo assim para a maior estabilidade política e econômica.

(2) A reação das empresas japonesas para com o Mercosul difere de setor para setor. O setor que agiu mais cedo foi o do ramo automobilístico. Com vistas ao mercado do Mercosul, por exemplo, a Toyota já fez investimentos para fabricar caminhões e veículos no Brasil e Argentina. A Honda também instalou uma fábrica de automóveis no Brasil, como se sabe. As empresas do ramo eletro-eletrônico teriam projeto de fabricar e vender seus eletrodomésticos na forma de joint-venture com parceiros locais, e também estão se preparando para receber pedido de geração de energia elétrica para atender a demanda de infra-estrutura promovida pela evolução do Mercosul. Além disso, há empresas que consideram importante um maior relacionamento com as empresas locais, e divisão internacional de trabalho entre as empresas.

(3) Por outro lado, é verdade que existem algumas preocupações em relação ao Mercosul. Por exemplo, o Mercosul poderá se tornar um bloco fechado e adotar políticas protecionistas no processo de formação do mercado comum; o Mercosul poderia não gozar do efeito da integração econômica, por causa das diferenças nos vários sistemas dos países membros, e da falta de infra-estrutura, etc. Sob essa perspectiva, as empresas japonesas solicitam a cada membro do Mercosul que se comprometam com os 3 pontos seguintes:

- (a) realização de integração regional transparente e aberta.
- (b) estabilização política, econômica e social da região do Mercosul.
- (c) adoção e consolidação das instituições do Mercosul, tais como leis, regulamentos e normas referentes ao comércio e

investimento,sistema financeiro,sistema fiscal,sistema estatístico, etc.,para a máxima utilização das vantagens da integração regional.

4 . Os Investimentos Japoneses antes e depois do Mercosul - Retrospectivas e Reflexões

Segundo as estatísticas do Japão,as relações entre o Japão e o Mercosul ainda não estão estreitas. Para referência,a participação do Mercosul no comércio exterior do Japão em 1995 foi somente de 1%. A participação do Mercosul no investimento direto japonês foi de 0,8%,sendo que sua participação no total acumulado do investimento japonês foi de 1,7%.

Por outro lado,para o Mercosul,em particular para o Brasil,a presença do Japão é maior do que o anteriormente mencionado. A participação do Japão no total do comércio exterior do Brasil alcança 6%,não só na exportação,mas também na importação. Também,a participação do Japão no total acumulado investimento direto estrangeiro no Brasil alcançou 7,7% em junho de 1996,ficando o Japão em quarto lugar,depois dos Estados Unidos,Alemanha e Inglaterra. Além disso,o Japão vem sendo o primeiro doador da ODA bilateral, ocupando quase metade do ODA fornecido pelos países da DAC da OCED.

Neste contexto,gostaria de fazer uma retrospectiva sobre as relações Japão-Brasil,em particular sobre os investimentos japoneses no Brasil do pós-guerra,para dar as perspectivas daqui em diante.

Os investimentos japoneses no pós-guerra experimentaram duas vezes o chamado “ Brazil Boom ” :na segunda metade da década de 1950 e na primeira metade da década de 1970. Como fator do primeiro “ Brazil Boom ” ,podemos citar em primeiro lugar a adoção da política da industrialização substitutiva de importações,promovida pelo Programa de Metas,combinada com o trato preferencial do capital estrangeiro. Segundo,a presença da sociedade nipo-brasileira,que já atingiu o número de 400 mil pessoas,é importante para estimular a vinda das empresas japonesas ao Brasil.

Assim,as grandes companhias japonesas de setores como o

têxtil,maquinarias,automóveis,siderurgia,construção naval,instalaram suas fábricas no Brasil. A maioria dessas empresas se tornou representante no Brasil das empresas japonesas,com exceção da Ishibrás.

O segundo “ Brazil Boom ” dos investimentos japoneses tem a ver com o rápido crescimento econômico do Brasil no período de 1968 a 1973,ou seja,o “ Milagre Brasileiro ” . Os investimentos japoneses na primeira metade da década de 70 se caracterizam pela diversificação dos setores. Além das indústrias do ramo metalúrgico,de maquinarias,eletro-eletrônico e química,construtoras e bancos investiram no Brasil. Como resultado disso,para o investimento direto estrangeiro do Japão,o Brasil passou a ocupar o terceiro lugar,depois dos Estados Unidos e da Indonésia.

Neste quadro,a crise do petróleo em 1973 foi um ponto decisivo para ambos os países. No caso do Japão,depois da estagnação econômica causada pela deterioração temporária do balanço de pagamentos,nosso país adotou medidas para adaptar-se à nova situação, tais como racionalização da energia,transformação industrial da indústria pesada à indústria de alta tecnologia,o que levou o Japão a tornar-se a segunda potência econômica,em seguida dos Estados Unidos,com a expansão considerável da exportação de veículos e produtos eletrônicos.

Por outro lado,o Brasil foi forçado a adotar a aceleração da substituição de importações. Assim se promoveu a substituição de importações nos bens de capitais e insumos industriais,como os siderúrgicos e petroquímicos,além de exploração petrolífera e substituição de fontes de energia. Esses projetos foram promovidos principalmente por empresas estatais e por financiamento externo, utilizando-se os abundantes petro-dólares. Assim,o Brasil conseguiu um crescimento econômico relativamente alto.

Na segunda metade da década de 70,a competitividade internacional da indústria japonesa aumentou bastante,apoiada pelo desenvolvimento tecnológico de micro eletrônicos (ME) ,o que trouxe o conflito comercial com os Estados Unidos e países da Europa Ocidental. Para evitar esse conflito,o Japão vem promovendo seus investimentos estrangeiros. Como os países asiáticos então relaxaram sua restrição ao capital estrangeiro,pela

necessidade de obterem tecnologias para maior industrialização,o Japão aumentou seus investimentos nos países asiáticos,para exportar seus produtos industriais aos Estados Unidos e Europa Ocidental via esses países, assim como para manter esse ampliado mercado asiático.

Assim,os investimentos japoneses que vêm aumentando desde os fins da década de 70,foram,na maioria,destinados aos países desenvolvidos e aos países asiáticos,não ao Brasil. Ao contrário,no caso das empresas japonesas radicadas no Brasil,aumentava o número das que se retiravam do Brasil,por causa da falta de marketing e também pela falta de capital,causada pela crise do petróleo desde os meados da década de 70.

Enquanto os investimentos privados japoneses estavam estagnados,aumentaram os investimentos ligados aos grandes projetos nacionais do Brasil,promovidos principalmente por joint-ventures entre as empresas estatais,como a Companhia Vale do Rio Doce,e empresas privadas estrangeiras,apoiadas até por governos estrangeiros. Os projetos importantes ligados com o Japão são Cenibra (papel e celulose) , CST (produtos siderúrgicos) e Albrás (alumínio) .

Na realidade,o segundo ciclo da substituição de importações do Brasil contribuiu para promover sua industrialização. Mas,devido ao serviço da dívida acumulada,o investimento na base industrial e equipamentos sofreu estagnação,o que é a razão principal para que as máquinas e equipamentos do Brasil tenham se tornado atrasados e obsoletos desde a segunda metade da década de 70. Ademais,com o fracasso da série de políticas de estabilização,a economia brasileira ficou estancada na década de 80.

5 . Perspectivas - Rumo a um Novo “ Brazil Boom ” ?

Então,acontecerá um novo “ Brazil Boom ” ? Como antes mencionei,ocorreram dois “ Brazil Boom ” dos investimentos japoneses,na época da substituição de importações do Brasil. Mas,entrando na década de 90,o Brasil mudou seu modelo de desenvolvimento,da substituição de importações à liberalização econômica e inserção internacional.Com base nessa liberalização comercial e abertura econômica,em 1991 se formou o

Mercosul, com 4 países membros. Afora isso, a economia brasileira mudou seu perfil, passando de economia de alta inflação à de baixa inflação, graças ao sucesso do Plano Real.

Nesse quadro, comparando com os investimentos americanos e europeus, os investimentos japoneses no Brasil ainda continuavam estagnados, entrando na década de 90. Mas, nos anos recentes, se destaca a recuperação dos investimentos japoneses no Brasil, em particular nos setores automobilístico e de eletrodomésticos. Há sinais de que, a exemplo das empresas americanas e européias, as empresas japonesas reconsiderem o Brasil como pólo de atividade empresarial internacional. Quer dizer, o Mercosul oferece uma chance de negócios para as empresas japonesas. Neste sentido, o comportamento dessas companhias dependerá de como o Mercosul avance, fazendo harmonização das políticas entre os países membros, de como serão as relações do Mercosul com outros países sul-americanos, inclusive os do Grupo Andino, e finalmente, como serão as relações com a ALCA.

Texto da palestra proferida em Manaus (auditório do SENAI, 31/03/98), no Rio de Janeiro (BNDES, 03/04/98) e em Porto Alegre (Faculdade de Direito, UFRGS, 06/04/98), sob o patrocínio do Ministério de Relações Exteriores do Japão. O autor é professor de economia latinoamericana da Universidade Sofia em Tóquio.

Bibliografia

Almeida, Paulo Roberto de [1993], *O Mercosul no contexto regional e internacional*, São Paulo: Ed. Aduaneiras.

CEPAL (Comisión Económica para América Latina y el Caribe) [1994], *El Regionalismo Abierto en América Latina y el Caribe: la integración económica al servicio de la transformación productiva con equidad*, Santiago de Chile.

Florêncio, Sérgio Abreu e Lima & Araújo, Ernesto Henrique Fraga [1996

], *Mercosul Hoje*, São Paulo: Ed. Alfa Omega.

Hosono, Akio [1995], *APEC to NAFTA (APEC e NAFTA)*, Tóquio: Yuhikaku (em japonês).

KEIDANREN (Federação das Organizações Econômicas do Japão, Chunambei Chiiki Togo Kenkyukai (Grupo de Estudo sobre Integração Latino-Americana) [1997], *Nihon kigyo kara mita Mercosul (Mercosul visto pelas empresas japonesas)*, Tóquio (em japonês).

Mizuno, Hajime [1993], "Japan's Foreign Direct Investment in Latin America: Comparison with US and European Investment", *Iberoamericana*, Vol. XV, No. 2 (Segundo Semestre 1993), pp. 1-15.